

O BOLSONARISMO, O REI DE SIAM E O GELO

BOLSONARISM, THE SIAM'S KING AND THE ICE

Rossemildo da Silva Santos¹ 

Recebido: 12/04/2021

Aceito: 28/05/2021

“Vinte testemunhas confiáveis declararam ter visto a besta vagar pelos pastos a cerca de 5 km da cidade, ‘com a cabeça grande como a de um boi e olhos enormes e terríveis, a cara grande e torcida, a cauda longa e grossa como um tronco de árvore, o peito elevado estufado acima do chão’. (...) Esse terrível presságio foi considerado ‘muito conveniente’. (...) Um inquisidor veio (...) para fazer investigações na cidade. Ficou lá (...) alimentando a imaginação das pessoas com um combustível tenebroso”.

(Toby Green em *Inquisição, o Reinado do Medo*, p. 135).

Resumo: Trabalho que pretende caracterizar o movimento político intitulado “Bolsonarismo”, escolhido nas eleições de 2018 para o Governo Federal Brasileiro, e que, nestas reflexões, aborda o caráter discursivo mais perigoso do grupo: o da criação, em larga e quantitativa escala, de narrativas criadoras de uma realidade paralela, as famigeradas *fake news*. Embora o assunto seja extenso, aqui escolhemos algumas das mentiras disparadas nas redes sociais, analisando-as à luz de algumas teorias que vão desde a psicologia ao determinismo histórico, dada a relevância de historicizar os fatos relacionados às características do bolsonarismo, compará-lo a outros eventos históricos perigosos do passado, e alertar aos leitores/espectadores dos perigos que orbitam os discursos desse grupo que, por seu fanatismo, pode ser comparado a uma seita.

Palavras-chave: Bolsonarismo; *fake news*; realidade paralela; medo; Rei de Siam.

Abstract: This work aims to characterize the political movement entitled “Bolsonarism”, chosen in the 2018 elections for the Brazilian Federal Government and which, in these reflections, comprises the most dangerous discursive character of that group: the large-scale and repetitive production of narratives generative of an alternate reality, the infamous fake news. Although the matter is extensive, here we have selected some of the lies which were shared in social media, analyzing them under the premises of theories ranging from psychology to historical determinism, given the relevance of historicizing the facts related to Bolsonarism’s characteristics, comparing it to other dangerous historical events of the past, and alerting the readers/spectators of the dangers circulating around the discourse of that group which, for its fanaticism, can be compared to a cult.

Keywords: Bolsonarism; *fake news*; alternate reality; fear; Siam’s King.

Doutor pela Universidade de Valladolid, Espanha. Reconhecido no Brasil pela Universidade Federal de Goiás-UFG. Instituto Federal de Goiás (IFG)- Águas Lindas. E-mail: rossemildo.santos@ifg.edu.br

Resumen: Obra que pretende caracterizar el movimiento político titulado “Bolsonarismo”, elegido en las elecciones de 2018 para el Gobierno Federal de Brasil, y que, en estas reflexiones, aborda el carácter discursivo más peligroso del grupo: la creación, a gran escala y cuantitativa, de narrativas creadoras de una realidad paralela, las infames *fake news*. Si bien el tema es extenso, aquí elegimos algunas de las mentiras disparadas en las redes sociales, analizándolas a la luz de algunas teorías que van desde la psicología al determinismo histórico, dada la relevancia de historizar los hechos relacionados con las características del bolsonarismo, comparándolo a otros hechos históricos peligrosos del pasado, y alertar a los lectores/espectadores de los peligros que orbitan los discursos de este grupo que, debido a su fanatismo, pueden compararse a una secta.

Palabras-clave: Bolsonarismo; *fake news*; realidad paralela; miedo; Rey de Siam.

Os relatos de viajantes que, desde que os primeiros documentos literários, contam de relatos de viajantes e suas perpécias formidáveis, a vencer travessias, inimigos, bestas perigosas, monstros indescritíveis, narram a trajetória de heróis, deuses e semideuses que se tornam imortais não possivelmente em carne, mas em letras, pela literatura, nos relatos de suas realizações indizíveis (SANTOS, 2015, p. 47).

Da Cultura greco-latina com a *Odisea*, de Homero; *Historia de Leucipa y Clitofonte*, de Aquiles Tacio; *Historia etiópica de Teágenes y Cariclea*, de Heliodoro; *Dafnis y Cloe*, de Longo; *El asno de oro*, de Apuleyo, etc. Na Grécia antiga com Herodoto que atravessa no século V a. C. a Ásia, África e a Europa; Jenofonte com sua *Anábasis* (IV a.C.); Ptolomeu (s. II), criador de mapas, geografias, localização de rios, mares, países em seus recorridos.

Na Idade Média, temos Marcopolo (s. XIII); *Cuentos de Canterbury* de Chaucer (s. XV); e do século XIII os espanhóis *Libro de Alexandre*, *el Libro de Apolonio* y la *Estoria de Tebas*; novelas de cavalarias como *El caballero Zifar*, *El Amadís de Gaula*, (s. XIV); são do século XV *Embajada a Tamorlán*, de Ruy González de Clavijo, *Andancas e viajes*, de Pedro Tafur, *El Victorial o Crónica de Don Pero Niño*, de Guriérrez Díez de Games; e o guia de peregrinos do século XIII *La Fazienda de Ultramar*.

Entrando na Idade Moderna, *as Cartas de Colón a los Reyes Católicos* (1493) e seus *Diario y relaciones de viaje* (1503); *Cartas de Relación*, de Hernán Cortés; *Naufragios*, de Alvar Núñez Cabeza de Vaca, etc. Passando pelos Séculos de Ouro espanhóis, atribuído a A. Laguna, *Viaje de Turquía*; *El Lazarillo*, de la picaresca; *Vida del capitán Alonso de Contreras* (1630); *Persiles y Sigismunda*, de Cervantes, etc. E nos séculos XVIII e XIX, *Las Cartas persas de Montesquieu* (1721); *Viajes de Gulliver* de J. Swift (1726); *Cándido* de Voltaire (1759);

Robinson Crusoe, de D. Defoe (1819-1820), entre incontáveis outros (ALBUQUERQUE, 2006, p. 67-69).

Porém, é no século XIX que uma dessas expedições conta do encontro de viajantes europeus com um certo Rei, o de Siam. Os relatos do encontro revelam o que a literatura de viagens tinha de mais impressionante em seus diários de bordo, na caneta de seus “escribas”: o do fascínio frente ao encontro com o Outro, o diferente. O embaixador holandês, por ser um homem reconhecido por sua sabedoria e inteligência, foi convidado à presença do Monarca que, em sua pompa aristocrática, recebe-o pois interessava-se por uma abertura de Siam ao Ocidente. O palestrante, diante do fascínio do soberano, contava-lhe sobre os avanços que a Europa vinha participando, de ciência, cultura e artes. Até o momento em que o representante europeu contou-lhe que na Holanda os rios congelavam e era possível, por esse fenômeno invernal, andar sobre a água congelada. Foi o suficiente para que o rei se enfurecesse de tal sorte que acreditava que lhes estavam burlando pela confiança que lhe havia oferecido com sua hospitalidade, pois lhe parecia impossível que a água ficasse sólida o suficiente a ser comparada a uma rocha e para que algum ser humano pudesse andar-lhe sobre. O Monarca, sobressaltado, levanta-se indignado e pede a seus servos que castiguem o visitante, pois achava uma afronta a sua dignidade que alguém tivesse a audácia de lhe contar tamanho descabimento, o de uma água que endurece. E assim foi feito.

O rei de Siam ouviu falar do gelo da Holanda e desacreditou o embaixador holandês que lho contou. O tempo passou e não houve tanta mudança. Reis como o de Siam continuam existindo, inclusive em sua maneira de governar e ao tipo de governo. Estamos nos referindo ao movimento intitulado bolsonarismo. Bolsonaro é um Rei de Siam. Ele cria, através da narrativa discursiva, uma realidade paralela e nega com veemência, inclusive com castigos, quem apresenta verdades além da que sua “bolha” acredita. Como afirma Pimentel, em seu *El día en que el Rey de Siam oyó hablar sobre el Hielo*, “Como ele, eles ouviram descrentes de muitas notícias verdadeiras e as consideraram falsas. E ao contrário: eles continuaram a tomar como fundadas numerosas fraudes, exageros volumosos e fábulas inacreditáveis” (PIMENTEL, 2006, p. 91).

A internet se tornou palco de uma geografia sem lei e sem limites. É nela que habita toda possibilidade de criação de conteúdo travestida de “liberdade de expressão”. Falas, vídeos, discursos, interpretações aquém de quaisquer verificações empíricas e que desafiam todo bom senso, apoiados em narrativas antes escondidas entre grupos extremistas, preconceituosos, em

reuniões de extermínio como as que deram origem ao Ku Kux Klan e até mesmo ao nazismo, que antes ficavam reclusas, confinadas nas vielas escuras do obscurantismo agora são ditas e compartilhadas abertamente sem qualquer remorso ou vergonha.

Foi nesse atrevimento que um incontável número de indivíduos se identificou com certos pensamentos e ideologias que pareciam estar vencidas, não por que, de fato, houve um amadurecimento social para alavancar a percepção dos perigos que determinados discursos trazem pro conjunto social, mas sim por que eles se espalham de boca em boca e se fixam nos cérebros como vírus zumbizantes, desde piadas camufladas de inocentismo humorístico (SANTOS, 2019, pp. 185-200) a relativização de barbaridades que líderes tiveram, junto com seus asseclas inumeráveis, a capacidade de cometer contra outros humanos, em grande proporção.

Diante da estupefação generalizada causada tanto pelas realidades paralelas criadas pelo movimento político-extremista intitulado bolsonarismo e acreditadas por muitos quanto pela capacidade desse grupo robustecido em negar obviedades, inclusive as de há séculos dadas, como o fato de que o Globo Terrestre é o que o nome diz, esférico, perguntamo-nos como caracterizar a Siam bolsonarista? E o seu Rei? Como explicar Bolsonaro? Seus filhos? Seus seguidores mais próximos, em holofote, e os mais anônimos, rastejados em redes sociais expondo suas “opiniões”? Estamos diante da anomia e da catacrese bolsonarista. A perplexidade causada pela existência do grupo, seus comportamentos e falas, que não só os prejudica como aos demais brasileiros, têm intrigado especialistas de várias áreas do conhecimento.

A Siam de Bolsonaro pode ser entendida como um grande reino de mentiras, dado seu afastamento do que se considera como conhecimento já ossificado. E não se está falando aqui acerca de “verdades” relativas, de conjecturas homéricas, de especulações em análise, de conhecimento profundo, e sim da existência, a modo de exemplo, de um vírus letal, como o da COVID-19².

O site *Yahoo* noticiou, ainda em abril de 2020 (YAHOO, 2020), um mês após explodirem casos da doença no país, de que “famílias abrem caixões lacrados à beira de covas coletivas para ter certeza de que estão enterrando seus parentes (...)”. Isso se deve a que

² COVID-19, entendida como infecção respiratória causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, identificada na China no final do ano de 2019, e que, por sua capacidade de transmissão e letalidade, foi considerada pandemia a partir de sua dispersão por outros países ao redor do globo.

circulavam pelas redes bolsonaristas, na internet sobretudo, de que o vírus Sars-Cov2, que causava a gripe avassaladora, consistiria em uma grande fraude. E que, devido ao protocolo exigir que parentes não contatassem seus internados e nem eventuais mortos, “eles” (pronome usado para dar à narrativa um tom conspiracionista) estariam enterrando caixões vazios.

A Siam bolsonarista se tornou um reino tão poderoso que obrigou organizações públicas e privadas a criarem agências cuja missão seria esclarecer à população o fato, como a “fato ou fake”, das Organizações Globo. Em uma delas, lemos que “*É #FAKE que foto mostre caixão enterrado vazio para inflar dados de mortos por coronavírus em Manaus*” (G1, 2020). A Deputada Carla Zambelli, uma das principais defensoras de Jair Bolsonaro e propagadoras de mentiras nas redes, compõe o quadro de indivíduos responsabilizados pelo alarde inverossímil. Em entrevista ao programa Brasil Urgente, a parlamentar teria afirmado que o Estado do Ceará estaria enterrando caixões vazios e exortou a população a que agisse como sentinelas para a verificação. O governo do Estado do Ceará afirma que abrirá processo contra a mesma por incitar a população ao medo e por promover o caos social (A REDAÇÃO, 2020).

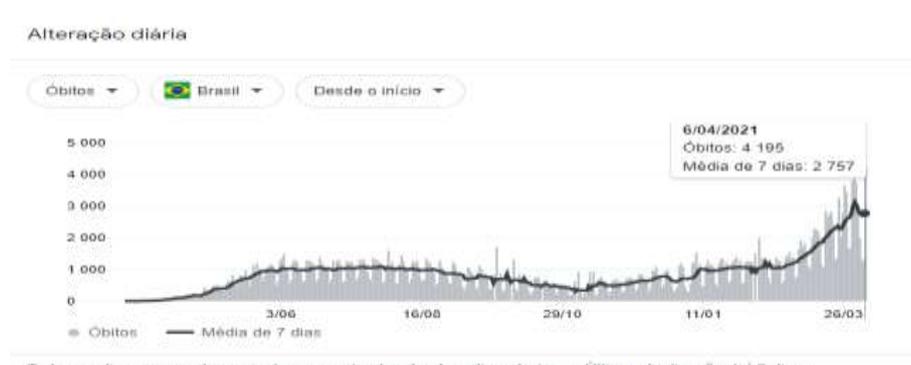


Figura 1: Gráfico ilustrativo do crescimento de óbitos por Covid-19 no Brasil até 6/4/2021. Fonte: acompanhamento *online* do Google.

Com a expansão da contaminação pelo vírus durante a pandemia de 2020-21, o número de contaminados, hospitalizados e de óbitos sofreu vertiginoso aumento (VER IMAGEM 01). As milícias digitais da comunidade da Siam brasileira não descansam. Incentivados pelo próprio Jair Bolsonaro (CARTA CAPITAL, 2020) que inquiriu em uma de suas *lives* semanais para que seus seguidores invadissem hospitais para que verificassem se estavam mesmo lotados, como afirmavam os secretários de saúde e governadores, parlamentares e militantes do Rei de Siam brasileiro desrespeitaram a reverência inerente aos hospitais para cumprir as ordens do líder que insistia que o gelo não existia.



Figura 2: Captura de tela de Rede Social em que Jair Bolsonaro afirma que não irá comprar CoronaVac. Fonte: UOL, 2020 (ver Referências).

Em direcionamento similar, Jair Bolsonaro insistiu em negar os perigos do vírus que hoje, abril de 2021, já exterminou mais de 330.000 cidadãos brasileiros, com média superior a 4.000 mortos/dia. Em outro arroubo de afirmação que beira a insanidade, o soberano de Siam brasileiro alardeou a população contra o único elemento que a poderia salvar: a vacina. Repetidas vezes chamou-a de “vacina chinesa” ou “vacina do Dória” (nome do então Governador de São Paulo), não a iria adquirir e atrelou ao produto do Instituto Butantã, uma renomada instituição reconhecida mundialmente por fazer parte do rol de produtoras de vacinas que imunizam os brasileiros há décadas, com cientistas experientes na área, uma paranoia global anti-vacina e anti-ciência (Ver figura 2). E em entrevista, afirmou que era o Presidente e já tinha decidido não comprar o imunizante (UOL, 2020), entre outras.



Figura 3: Bolsonaro insiste em medicamentos sem eficácia comprovada cientificamente Fonte: UOL, disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/11/bolsonaro-cloroquina.htm>.

Como podemos esquecer da recomendação, por parte do Pres. Jair Bolsonaro que, convenha-se, não é um sujeito dado às letras e aos estudos (não se conhece publicações suas relevantes, um artigo que tenha escrito, uma coluna que lhe tenha dado o ar de contribuição a alguma discussão relevante para a sociedade brasileira, capítulos de livro, livros, e tem, segundo reportagem sobre seu cotidiano medíocre, a publicação do torturador mais sádico da Ditadura Militar Brasileira, o Brilhante Ustra, – a obra “A verdade sufocada”- na cabeceira de sua cama), de remédios ineficazes contra a COVID-19? Uma das características do bolsonarismo, para enfrentar dados científicos e de especialistas, consiste em “opinar” sobre assuntos que não lhes são familiares. E Jair Bolsonaro materializa essa essência em planitude: desde o início da pandemia do Novo Coronavírus, Bolsonaro receita abertamente remédios como Hidroxicloroquina, Ivermectina, Azitromicina, etc. que, além de não terem efeitos benéficos no combate ao vírus da COVID-19, possuem efeitos colaterais devastadores, como pioramento do quadro da doença e por causar hepatite medicamentosa.

Semelhantemente aos fatos supracitados, o Prefeito da Cidade de Itajaí, em Santa Catarina, defendeu a possibilidade de usar um método igualmente ineficaz, sem comprovação definitiva de estudos científicos, contra o mortal vírus que assolou o mundo a partir de 2019: o uso de ozônio retal. Não usado nem recomendado para este caso em parte alguma do planeta, como os medicamentos insistentemente oferecidos à população como preventivo por Jair Bolsonaro, sem formação médica e sequer em nenhuma área da saúde, a sugestão do “tratamento” causou igual perplexidade nos espectadores da atuação dos negadores da existência do gelo, os bolsonaristas. Vale destacar que a cidade de Itajaí (SC) elegeu, em 2018,

em peso Jair Bolsonaro, com votação expressiva de 81,36% dos votos, à mesma mão do Estado de Santa Catarina, que o elegeu com 75,92% dos votos, ambos no 2º turno.

Embora superficiais, já há estudos e evidências que demonstram a correlação entre cidades que deram maioria de votos para eleger Jair Bolsonaro em 2018 que, portanto, acreditam em suas recomendações, e usam o medicamento, tiveram mais tendência à mortalidade e a desenvolver casos graves do COVID que outras cidades usuárias de recomendações científicas e aderentes a *lockdowns*³ mais severos, como reportado pela própria ANVISA, agência de cunho científico sob gestão, também, do Governo Federal (ANVISA, 2021), o qual inspirou uma reportagem de o Globo, onde se conclui um aumento de 558% em reações às medicações incentivadas por Bolsonaro, incluindo óbitos (O GLOBO, 2021).

As realidades paralelas criadas pelo bolsonarismo são infinitas. Seria preciso um inventário exclusivo para listar todas. A capacidade de inventar, sem objetivo evidente que não seja o cometimento de maldades, perpassa a sobriedade e adentra um espectro obscuro onde o que predomina é o insano, dialogando com o agravante da infantilidade do fator masculino que predomina nesses antros, e o místico, no sentido mais inventivo que se possa seguir. O objetivo dessa fantasiação dos fatos é fazer do seu inventor uma peça de valor diante dos espectadores, ou seja, sua autenticidade é medida não por sua experiência em si, mas por sua capacidade reduzida de “interpretar”, de falsear, uma vez que era isso o que mais chamava a atenção dos destinatários do enunciado.

Greifeneder, Jaffé, Newman e Shwars nomeiam esses episódios como estar diante de uma “pós-verdade”, inspirada na definição do Dicionário de Oxford que a define como elementos relativos ou denotativos das circunstâncias nas quais os fatos objetivos possuem menos influência na opinião pública que mesmo os apelos às emoções e a crenças pessoais. Em um período pós-verdade, os fatos se tornam relativos, mesmo que possuam caráter de comprovação, se em dúvida, e explicações alternativas, se em relação a superstições individuais e/ou correlacionadas ao amor ou ódio pessoal, podem ganhar grande número de adeptos, como é o caso do bolsonarismo. Daí, entre eles, o papel da religião ter tanta relevância.

³ Termo usado no Brasil a partir da definição em inglês, que consiste em uma prática de decretar, por parte do governo, o fechamento generalizado de comércio e demais instituições que promovam ou causem aglomerações humanas, com o objetivo de obrigar a população a manter o distanciamento social e evitar circulação de pessoas (que deveriam ficar em suas casas, se possível) que, por outros meios, não seria conseguido, e autorizar unicamente atividades consideradas essenciais.

Nesse contexto de relativização dos fatos, sobretudo se narrados e/ ou defendidos por “comunistas”, as verdades já generalizadas pelo consenso social, inclusive o fato de a terra ser redonda, convertem-se em opção de crença, o que lança os bolsonaristas a automaticamente se posicionarem do lado das forças que acreditam serem divinas, representadas pela família Bolsonaro e seus satélites ideológicos.

Ainda apresentando as circunstâncias das eleições norte-americanas, Greifeneder, Jaffé, Newman e Shwars apresentam a palavra do ano escolhida em 2017: *fake news*. Isso tanto por que o Pres. (à época) Donald Trump acusava a imprensa disso, quanto pelo fato de haver um aumento considerável de 365% do uso do termo a partir de então (GREIFENEDER, JAFFÉ, NEWMAN e SHWARS, 2021. p. 31). Para eles, seguindo o aludido dicionário, *fake news* consistiria em “*False, often sensational, information disseminated under the guise of news reporting*” (Ídem).

Nesses casos, além de caracterizar uma mentira, funciona para os seguidores um como 'embelezamento' da história, uma falsificação autorizada, uma cumplicidade, um mentira legitimada, aspectos que dariam mais sentido à existência de um grupo que, embora grande, tem extrema necessidade de afirmação e de utilidade. A posição de enunciante da irrealidade, por si só, seria um lugar privilegiado, pois poucos indivíduos tiveram oportunidade de fazê-lo e isso confere a Jair um *status* de autoridade, de quem “está fazendo algo” contra o “inimigo”, não de governança, mas sim de soberano sobre seu próprio relato, que acaba por influenciar as massas de quem é cicerone.

A alucinação irreal se atrela à utopia e o compêndio de *Mirabilia*. Contar mentiras semelhantes a verdades era uma arte usada desde os clássicos gregos, uma vez que o postulado de Homero a obra *Odyseus polutropos*, ou seja, “aquele com muitos recursos”, que serve de artifício para convencer as pessoas da plausibilidade do seus contos maravilhosos.

A mente do receptora das *fake news*/ mentiras, extensão da mente do emissor, coopera numa dicotomia para a posição compreensiva dos dois lados: a imaginação é inimiga de Jair, mas, ao mesmo tempo, é sua aliada, sua virtude, que cria os *tropos* e as imagens críveis o suficiente para se tornarem atraentes para o consumidor da obra. É importante ressaltar que a credibilidade de uma *fake news* não reside na própria história, mas sim em um conjunto de valores e convenções oriundos da própria sociedade. O público, portanto, deve ser suscetível de ser convencido por um sistema de expectativas conhecido e comum a todos, que pode ser a religião, o uso do nome de “Deus”, o respaldo militar ao governo, etc. A própria cultura que os

tinha em mente fez com que se materializassem, não só pelo que estava escrito/ enunciado, mas também pelo próprio desejo e convicção da realidade falseada, que é função do criador da mentira: “desdobrar as possibilidades da realidade, abrir o mundo e torturá-lo, para ampliar os limites do possível” (PIMENTEL, 2006, p. 106).

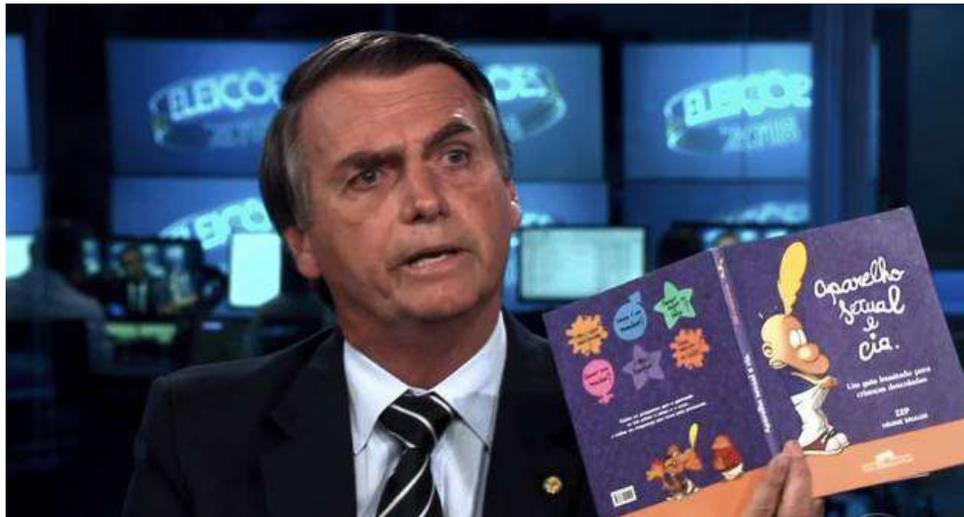


Figura 4: Bolsonaro afirma que existe um "Kit Gay" que seria distribuído em escolas a fim de uma doutrinação de crianças para que se tornassem homossexuais e adeptas da pedofilia. Fonte: El País, disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/29/politic>

É nesse sentido que opera o contador de histórias ludibriantes. O que dizer de um sujeito que, insatisfeito em espalhar enganações em suas redes e seus nichos, em campanha nacional de TV aberta em 2018, chamado “horario nobre”, abre um livro francês e alega uma distribuição em massa de literatura sexual, que incentivaria/ ensinaria, por professores, segundo sua narrativa, a pedofilia e a prática sexual de crianças? Esse é o famigerado “Kit Gay”. O discurso da pedofilia esteve e está em vigor nessas milícias, e ajuda a criar no imaginário dos seguidores de Jair Bolsonaro uma utilidade em suas lutas imaginárias contra inimigos depravados moralmente. Sem dados, sem estudos sobre, sem estatísticas, o Presidente repete inverdades sobre a distribuição de material escolar que incentivam e ensinam crianças a praticar sexo e a normalizarem toques em si (pedofilia).



Figura 5: Redes sociais bolsonaristas distribuem a *fake news* de que "comunistas" estariam distribuindo mamadeiras em forma fálica para sexualizar crianças em escolas e creches. Fonte: Brasil de Fato, disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/01/neste>

As redes bolsonaristas, além de compartilharem com desavisados a existência de um “Kit Gay” que incentivaria crianças a se tornarem homossexuais e a deixarem-se aliciar, são as mesmas que inundaram *Whatsapps*, *Facebooks* e outras redes sociais com a enganação de outro absurdo, a infame “mamadeira” cuja extremidade teria forma “fálica” (peniana) (Ver Imagem 3). Com o número vertiginoso de compartilhamento e engajamento nessas redes, agências foram obrigadas a desmentirem em seus *sites*, vídeos e programas televisivos a *fake news* escandalosa, mesmo que não fizessem parte do partido atacado como autor da proposta escolar que distribuiria, segundo os criadores, o material em escolas e instituições de ensino infanto-juvenis.



Figura 6: Eduardo Bolsonaro, filho do Presidente e Deputado Federal, exibe seu venero por armas e ideais racistas. Fonte: El País, disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/16/opinion/1502846505_679159.html.

Essas narrativas do absurdo encontram eco em milícias digitais assemelhadas norte-americanas. Na verdade, as brasileiras são eco delas. A mais significativa se intitula “Q-Anon”, crentes de uma teoria conspiratória com distintas características, sendo uma delas a de que o mundo seria governado por corruptos, maiormente “comunistas”, líderes de partidos ligados às esquerdas políticas, administradores e partícipes de uma gigantesca e complexa rede de pedofilia. Os criadores desses movimentos têm em suas fileiras os supremacistas brancos, com seus cicerones ligados à extrema direita e a neonazistas. Brasileiros, como os filhos de Jair Bolsonaro, e alguns integrantes da burguesia do Brasil aderem facilmente a esses pensamentos conspiratórios sem embasamento empírico algum. Eduardo Bolsonaro, Deputado Federal e filho de Jair, fotos armados e, de enfeite em paisagem de fundo, uma bandeira dos confederados (do sul dos EUA, considerados racistas) norte-americanos, cujo símbolo é uma serpente com os dizeres “Don’t tread on me” (“Não pise em mim”) (VER IMAGEM 4). A mania é apenas a de acusar, partindo do pressuposto de que é evidente, que esta posto, como a terra redonda.

Em *Os Engenheiros do Caos*, Da Empoli aponta a estratégia de Donald Trump, aliados a esses grupos extremistas norte-americanos, para ganhar as eleições norte-americanas depois de fazer sucesso entre a população negra e latina no programa *O Aprendiz*, no início desta década:

É quando Trump detecta uma teoria da conspiração que, até então, estava confinada às periferias mais extremas da direita alternativa – teoria segundo a qual Barack Obama não teria nascido nos Estados Unidos. Logo, não terá direito a ser eleito presidente: “Eu estou um pouco cético quanto ao nascimento de Obama”, declara Trump, e “e não acho que aqueles que partilham essa opinião

devem ser considerados como idiotas de forma tão precipitada”. “Lá onde ele diz ter nascido ninguém o conhecia”. “Há alguma coisa nessa certidão de nascimento que não agrada Obama”. Assim, aos poucos, de pequena em pequena frase, Trump dá vida a uma campanha cujo objetivo é forçar Obama a apresentar sua certidão de nascimento (DA EMPOLI, 2020, p. 93).

O método do mentiroso não é inovador nem surpreendente. Trata-se de usar seu poder de persuasão, nascido de sua fama e/ ou influência, para, abusando da confiança que goza frente a seus seguidores, de causar neles certa desconfiança frente a um adversário – esse sim – ardiloso, perigoso. O *modus operandi* dos grupos de extrema direita norte-americanos e brasileiros comungam dessa prerrogativa: o de lançar frases de efeitos, imagens, narrativas contra os inimigos, demonizando-os o máximo que puder e apresentando-se como “salvadores”, “messias”, contra “tudo isso que tá aí”.

Assim, essa produção de subjetividades binárias, antagonicas (TELES, 2018, p. 66), são alimentadas desde a antiguidade e sempre reforçadas em enunciados atuais para o reforço de um imaginário coletivo já preexistente: o de um apocalipse iminente e causado pela degeneração da sociedade em geral. Dito isto, o que se presencia em uma população supersticiosa como a brasileira é a creditação dessa desinformação proposital que gira entre os torpedos enviados de *smartphones*, e que findam por formar a narrativa da necessidade de um salvador frente ao anti-cristo já em ação.

Destarte, Federica Merenda, em sua reflexão sobre o desempenho das *fake news* no ambiente político e social em geral, avalia o perigo de normalização da desinformação em plataformas de grande acesso:

We live in times when it is not easy to distinguish between facts, mystification of facts – wich contains some truths well-mingled with a high dose of distorted information – blatant lies and political opinions. While reading the newspaper or scrolling through the social media newsfeeds of politicians directly speaking to “the people” through the facebook live videos – a habit wich became particularly massive during the recent outbreak of Covid-19, when facebook live-streaming in some countries replaced the usual institucional broadcasting on national television – we sometimes feel outraged as we spot blatant lies or traces of wisely hidden truths in political speeches (or tweets), or when we witness political leaders endorse information soon after unveiled as *fake news* (MERENDA, 2021, p.19).

A perplexidade causada pela enganação escancarada, pela repetição de manchetes e enunciados já tidos como *fake news*, desmentidas por especialistas de várias áreas do conhecimento, tornou-se uma característica das democracias, em seus cidadãos relativamente

bem informados. Não apenas o Presidente Jair Bolsonaro, como exemplo, distorce uma realidade para alimentar um público que lhe é quisto, como as páginas de seus seguidores mais fanatizados, em redes sociais ou vídeos do *Youtube* e suas transmissões *online*, administram as informações à sua subjetividade cujo único objetivo é a enganação, causar medo e o histerismo social, inspirados em um imaginário já popularizado, sobretudo pelas religiões evangélicas, que apoiaram com convicção Jair Bolsonaro, do apocalipse iminente.

A insistência de manter a desinformação no ar, mesmo depois de desmentida, deve-se ao fato de que anteriormente já houve uma robusta campanha de desacreditar fontes confiáveis, como pesquisadores com anos de experiência nas áreas. A associação de cientistas, pesquisas e pesquisadores ao “comunismo” faz parte do rol de integrantes da lista de “não-confiável” das redes bolsonaristas. Com esse método, o bolsonarismo cria na subjetividade coletiva, sobretudo dos seguidores mais assíduos, caracterizada pelo preconceito do preconceito. Isto é, um membro da seita bolsonarista jamais gostaria de se associar ao que seria o conceito deles de “comunismo”, demonizando os opositores e suas práticas, inclusive a cientista, e fazendo os bolsonaristas se distanciarem de todo tipo de pensamento racional, e aceitando absurdos que beiram a psicose e o delírio.

No Reino de Siam bolsonarista, as *fake news* elaboram a realidade paralela alucinante de que fazem parte. O diálogo com indivíduos com tal nível de desinformação se torna inexequível, posto que, diante de qualquer argumento plausível ou até mesmo de cunho científico, diante de dados, estatísticas e demonstrações empíricas das mais retumbantes, o contra-argumento de acusação de “comunismo/ comunista” congela qualquer interlocutor.

Se o Rei de Siam se indignou contra a afirmação do chanceler holandês de que a água chegaria a um ponto gelado no qual se tornaria pedra, Bolsonaro tem igual repulsa pelos fatos científicos, pela ciência, pelo consenso social de conhecimentos dados. Jair e seus seguidores, mais que um grupo político, tornaram-se uma seita fanatizada justamente pelo fato de terem o poder alucinado de criarem narrativas, propositadamente falsificadas, que confundem realidade com patologia. Para negar a existência do gelo, por não conhecê-lo em sua bolha cultural, o Rei de Siam fechava-se a si mesmo e ao seu povo às oportunidades dos avanços tecnológicos e às possibilidades civilizatórias causadas pelo conhecimento empiricamente embasado, pelo contemporâneo em detrimento ao antanho. Bolsonaro e os bolsonaristas enclausuraram-se tanto em suas narrativas insanas, em seu país das águas moles que, frente à revelação de uma água

dura têm ataques efusivos e, com o poder em mãos, castigam os sanos, os cientistas, professores, jornalistas, o trabalhador, o cidadão brasileiro.

Referências

ALBUQUERQUE, Luis, “Los «libros de viaje» como género literario”. En LUCENA GIRALDO, Manuel y Juan PIMENTEL, **Diez estudios sobre literatura de viaje**. Madrid: Instituto de la Lengua Española, 2006.

A REDAÇÃO. [website]. **Governo do Ceará vai processar Zambelli por mentiras sobre caixões vazios**. Goiânia: A Redação, 1 mai. 2020. Disponível em: <https://www.aredacao.com.br/noticias/133372/governo-do-ceara-vai-processar-zambelli-por-mentiras-sobre-caixoes-vazios>. Acesso em 2 abr. 2021.

BRASIL. Anvisa. [website]. **Notificações de farmacovigilância**. Brasília: MS, 10 fev. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/acessoainformacao/dadosabertos/informacoes-analiticas/notificacoes-de-farmacovigilancia>. Acesso em 5 abr. 2021.

CARTA CAPITAL. [website]. **Bolsonaro diz para apoiadores invadirem hospitais em busca de leitos vazios**. Carta Capital, 12 jul. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/saude/bolsonaro-diz-para-apoiadores-invadirem-hospitais-em-busca-de-leitos-vazios/>. Acesso em 3 abr. 2021.

DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2020.
GLOBO G1. [website]. *É #FAKE que foto mostre caixão enterrado vazio para inflar dados de mortos por coronavírus em Manaus*. Manaus: Globo, 30 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/04/30/e-fake-que-foto-mostre-caixao-enterrado-vazio-para-inflar-dados-de-mortos-por-coronavirus-em-manaus.ghtml>. Acesso em 30 mar 2021.

GREEN, Toby. **Inquisição, o Reinado do Medo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

GREIFENEDER, Rainer; Jaffé, Mariela E.; Newman, Eryn J.; e Shwars, Norbert. **The Psychology of Fake News: Accepting, haring, and Correcting Misinformation**. New York: Routledge, 2021.

MERENDA, Federica. **Reading Arendt to rethink truth, science and politics in the era of fake news**. In Democracy and Fake News: Information Manipulation and Post-Truth Politics (Politics, Media and Political Communication) Serena Giusti & Elisa Piras (orgs). New York: Routledge, 2021.

O GLOBO. [website]. 'Kit Covid': **Reações adversas à cloroquina disparam 558% e Anvisa já registra nove mortes**. Brasília: O Globo, 5 abr. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/kit-covid-reacoes-adversas-cloroquina-disparam-558-anvisa-ja-registra-nove-mortes-1-24956029>. Acesso em 9 abr. 2021.

PIMENTEL, Juan (2006): “El día que el rey de Siam oyó hablar del hielo. Viajeros, poetas, ladrones”, Lucena, Manuel y Pimentel, Juan (eds.) **Diez estudios sobre literatura de viaje**. Madrid: csic 89 - 107.

SANTOS, Rossemildo da Silva. **Homo Faber, Homo Viator: Brasil en la mirada de viajeros del siglo XIX**. Tesis doctoral. Valladolid: Universidad de Valladolid, España, 2015.

SANTOS, Rossemildo da Silva. Contornos do racismo escolar: velhas práticas em odres adolescentes. In: **Coleção Educação Brasil (Vol. IV)**. Chapecó-SC: Livrologia Ed., 2019.

TELES, Edson. A produção do inimigo e a insistência do Brasil violento e da exceção. In: **O ódio como política**. GALLEGO, Esther Solano (Org.). São Paulo: Boitempo, 2018.

UOL. [website]. **Bolsonaro desautoriza acordo de Pazuello e diz que não comprará CoronaVac**. São Paulo: UOL, 21 out. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/10/21/bolsonaro-responde-a-criticas-sobre-vacina-chinesa-nao-sera-comprada.htm>. Acesso em 4 abr 2021.

Yahoo. [website]. **Famílias abrem caixões lacrados à beira das covas coletivas para ter certeza de que estão enterrando seus parentes em Manaus**. Manaus: Yahoo, 29 abr. 2020. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/familias-abrem-caixoes-a-beira-das-covas-coletivas-para-ter-certeza-de-que-estao-enterrando-seus-parentes-em-manaus-161006292.html>. Acesso em 01/ 04/2021.